

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☒

Nº. de referência: *8 5-56*

Título: "OS DOIS BABELEREIROS"

Título da Série: *MINITEATRO*

Autor (obra original): *SCRIBE, EUGÉNE*

Adaptador: *SILVA, MARIA PEREIRA DA*

Realizador: *?*

Locutor: *?*

Data de produção: *14/9/1976*

Data de Emissão: *20/9/1976*

Nº. de Episódios: *1*

ACTORES	PERSONAGENS
<i>MÁRIO JACQUES</i>	<i>DÉSROCHES</i>
<i>MARIA ALBERGARIA</i>	<i>SOFIA</i>
<i>JOÃO PERRY</i>	<i>ALCIBÍADES</i>
<i>ASSIS PACHECO</i>	<i>POUDRET</i>
<i>EUGÉNIA BETTENOURT</i>	<i>JUSTINA</i>
<i>JOÃO LAGARTO</i>	<i>JOÃO</i>

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Reis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIRE ARTÍSTICA - RUI MENDES

Indexação: - TEATRO RADIOTÓNICO

" OS DOIS CABELEIREIROS "

COMÉDIA DA AUTORIA DE: EUGÈNE SCRIBE

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE MARIA PEREIRA DA SILVA

.....

A marcar

seg. feira

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>191</u>	PROGRAMA _____
DATA DE ENTRADA <u>14/9/76</u>	EMIÇÃO DE ... / ... / ...
PEDIDO DE GRAVAÇÃO	_____ HORAS
A GRAVAR EM <u>20/9/76</u>	VISTO
HORA <u>9,30</u>	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

INDICATIVO

OS DOIS CABELEIREIROS

Comédia de Eugène Scribe, em tradução e adaptação livre de Maria Pereira da Silva

-Separador(breve)

Direcção de...

Personagens e intérpretes:

Desroches (proprietário).....	Mano Jacques
Sofia (sua irmã).....	Maria Albergaria
Alcibiades (cabeleiro moderno)...	João Perry
Poudret (cabeleireiro antigo)....	Ana Pacheco
Justina (sua sobrinha).....	Eugénia Bellemont
João (criado de Desroches).....	João Lagarto

-Separador (breve)

Desroches- Sofia, vamos ver se nos entendemos! Chegaste a uma idade em que tens de escolher: casar ou ficar solteira. Portanto...

Sofia- Ainda estou nova!...não quero prender-me já.

Desroches- Mau! Tens de ser razoável. Ainda estás nova mas ele tem cinquenta.

Sofia- Por seres meu tutor, julgas-te no direito de me impor marido?

Desroches- Não é isso. Já não sou teu tutor, visto seres maior e senhora da tua vontade. Contudo conservei o direito de te repreender. Porque razão te lastimas por estar solteira e não queres aceitar o noivo que te proponho? O Durand é um rapaz honesto, inteligente, um hábil advogado de província a quem dei a minha palavra. Porque não o queres?

Sofia- Por ter esperança de encontrar outro que me agrade mais.

Desroches- Há quase trinta anos que estás à espera...Não leves a mal mas permite que te diga: minha querida, desespera!

Sofia- A culpa é tua, mano! Para que teimas em viver aqui? Como posso encontrar noivo morando nos confins do mundo?

Desroches- Não vejo razão para detestares estes sítios. O ar é puro, as ruas espaçosas, o sossego é completo...

Sofia-Ora... vivemos na província.

Desroches- Na província, não; nos arredores da capital.

Sofia- Mas não é na capital...

Desroches- de acordo, mas muito perto.

Sofia- Se achas assim tão perto, leva-me esta noite ao teatro.

Desroches- Não te acompanho, mas não te poíbo que vás com a Justina, a tua afillhada. Eu vou passar a noite a casa do Dumont.

(chama) Justina! Preveniste o teu tio para me vir fazer a barba e cmpoar o cabelo?

Justina- Sim, sr. Desroches, eu disse-lhe, mas ele está na loja a discutir política, e naturalmente não ouviu.

Desroches- Então, vai dizer-lhe que não se demore. Estes barbeiros são tão faladores...Aquele então! até fala sózinho. Já me cortou a fazer abarba, pelo hábito que tem de estar a falar só. Adeus, pequena, diverte-te, até logo! (ruído de porta)

Sofia- Sim, devo divertir-me!...Ouviste, Justina? Os irmãos são sempre assim.

Justina- Ai, menina, o meu tio ainda é pior. O sr Desroches ainda fala em casamentos...Porque não quer o sr. Durand? Parece-me igual aos outros...

Sofia- Tu não podes compreender, Justina! Se fosse o meu primeiro amor, não digo que não...mas quando o coração já tem outra inclinação...

Justina- O quê? A menina tem outra inclinação?

Sofia- Espontânea, mas sem esperança.

Justina- Não é daqui?

Sofia- Não sei...

Justina- Será de Paris?

Sofia- Também ignoro.

Justina- Mas, afinal, conhece-o?

Sofia- Claro que o conheço. Sei que me ama, mas ignoro o seu nome e onde mora. É um jovem que encontrei a semana passada em Meudon, num pic-nic. É elegante, anda bem posto e tem uma carruagem maravilhosa. Vê lá se depois disto, eu posso pensar no sr. Durand?! Se soubesses o que é um amor contrariado, uma inclinação sem esperança!...

Justina- Sei, sei, e há muito tempo. Então, o meu tio não teve um empregado da minha idade? Jurámos amaranos eternamente.

Sofia- E não casaram? Porquê?

Justina- Pela ambição, menina! O meu tio só consentia se o rapaz ficasse com a loja, mas ele, que era novo, tinha esperança no futuro e pretendia melhor ofício. Queria ser cabeleireiro de senhoras. O meu tio, com aquelas idéias antiquadas, zangou-se com ele...

Sofia- E o que foi feito do teu apaixonado?

Justina- Hoje é um senhor, um artista moderno. Tem um salão de cabeleireiro... chama-se Alcibiades.

Sofia- Que lindo nome!

Justina- É um bonito rapaz, amável e com talento. Acho natural que tenha ambições e tente fazer fortuna. A menina deve ver que para mim era mais agradável ter uma sala de espelhos e móveis caros, mas receio que os óleos lhe subam à cabeça, e acabe por me esquecer.

Sofia- Estás com ciúmes?

Justina- Veja se não tenho motivo! Ele penteia todas as elegantes do "faubourg" Saint-Germain... Eu sei que ele gosta de mim, mas a ocasião faz o ladrão. E ele tem tantas ocasiões para se tentar! Enfim, desde que case com ele, tudo me é indiferente. Embora pense que, mais dia menos dia, hei-de ter desgostos.

-SEPARADOR-

Poudret- Está bem! Está bem! Se o senhor estava à minha espera, deviam ter-me prevenido. Eu não podia adivinhar. Sou barbeiro, não sou bruxo... Minha senhora, um seu criado!

Sofia- Bom dia, Poudret. Como tem passado?

Poudret- Quanto ao físico, tudo vai bem: os dentes, o estômago... mas quanto a isto do cabeleiras, decadência total.

Sofia- Sempre a lastimar-se!

Poudret- Há um mês que mudei de local e aluguei a loja, lá de baixo, ao sr. Desroches, mas isto vai na mesma. Ai, minha menina! As cabeleiras, os postigos... estão muito em baixo. Elas e os pobres artífices.

Sofia- (rindo) Pobre Poudret!

Poudret- Pode lastimar-me e com razão, menina! O mundo está infestado de charlatães, que desmoralizam os penteados. Bárbaros! Tudo caiu sob as suas tesouras! Eis o efeito das novas invenções: adeus rabichos, tranças, topetes...

Justina- Que quer o tio? Isso tudo está fora de moda...

Poudret- Queres gabar os penteados modernos? Bem percebo a tua intenção.

Justina- Eu?...Que idéia! Mas enfim...

Poudret- Cala-te, rapariga! És nova, muito nova ainda; isso há-de passar com a idade. Pergunta à menina Sofia, se com a sua experiência se deixa seduzir pelas novas invenções; óleo de Macassar, água de Vénus, bálsamo de Meca e tantas outras porcarias a que eles chamam cosméticos, e fazem tanto crescer o cabelo como a palma da minha mão!

Justina- Ora, meu tio...

Poudret- Tutano, sim...Bons tempos! Ainda não eram nascidas, mas o meu triste coração bate com mais força ao recordaressa época de glória e triunfos, das cabeleiras compridas. Os militares, os eclesiásticos e todos os elegantes andavam empoados. Toda a cidade disputava os meus penteados e as minhas barbas. Agora tudo foi destruído. Desconhece-se a arte. A minha tabuleta é um simulacro! Todos me fogem. Já estou com sorte, se algum cocheiro quer ser escanhoado! (campainha)

Justina- Pois sim, mas enquanto o tio dá à língua, o sr. Desroche vai esperando.

Poudret- Lá vou, lá vou, sr Desroches...Ao menos, este continua fiel ao pó e conserva a asa de pombo.

João- Sr. Poudret, o sr Desroche está farto de esperar.

Poudret- Vou já, vou já. E tu, Justina, o que estás aqui a fazer? Vai tomar conta da loja, enquanto estou cá em cima!

Sofia- Vai, Justina, e prepara-te, Não te esqueças que vamos logo ao teatro.

Justina- Vou pentear-me a primor.

Poudret- O que estás para aí a dizer?

Justina-Que isto faz esquecer a prática...Vamos, tio! (passos)

Sofia- É assim que a família contaria os namoros, e depois queixa-se do resultado! Para aqui estou triste e só...Vou aproveitar escrever algumas páginas do meu romance.É tão bom escrever cartas de amor! Faz-se a carta e a resposta.(escreve)"a carta:(Clarisse ao sr X)Receio a explosão de um sentimento há muito oculto..."

Alcíbiades- Com certeza foi aquela senhora que me mandou chamar...

Deve ser aqui... Mme Murval, Place Royale, 25...Ela não dá por mim.Minha senhora, pode fazer o favor de me dizer...

Sofia- Ah! Quem está aí? Meu Deus! Será possível!?(baixo)É o meu desconhecido...

Alcíbiades (à parte)- Céus! A minha apaixonado do pic-nic...(alto)

Que felicidade encontrá-la, minha senhora! Até que enfim!

Sofia- Senhor, já lhe disse que dependo do meu irmão... embora seja senhora do meu coração, da minha mão e de uns 60.000 frs.

Alcíbiades- Sessenta mil francos?

Sofia- Sim, mas não posso dispor deles sem o consentimento do meu irmão.

Alcíbiades- Permita que me apresente: Saint Armand. (à parte: é o nome na sociedade) alto Freqüento as melhores casas e recebo, no meu salão, as personagens mais distintas. O seu consentimento, minha senhora, é precioso para mim. Ah! Se tivesse a certeza de ser amado!

Sofia- Pois duvida? Então leia o que acabei de escrever. Pode ver que, apesar de ausente, eu pensava em si.

Alcíbiades Deixe-me beijar estas letras queridas, que não mais me hão-de deixar! Para cúmulo da bondade, permita que a venha ver que possa aspirar a ser seu cavaleiro! Tenho bilhetes para museus, exposições, teatros... Compreende, quando se está lançado na vida Todos os dias recebo tantos convites e cartas de amor, que faço deles papelotes.

Sofia- Hoje vou ao teatro, sim, tenho intenção de ir com a minha afilhada.

Alcíbiades- Não irão sós. Hei-de acompanhá-las, e dar-lhe o braço.

Sofia- Mas...

Alcíbiades Aceita, não é verdade? Combinado. Logo às sete horas, estarei aqui à porta, com a minha carruagem.

Sofia- Se assim quer... Vou-me arranjar e comprar flores.

Alcíbiades- Aceita o meu braço?

Sofia- Agora não. Há vizinhos maldizentes... Vou deixá-lo. Até logo!

Alcíbiades- Até logo. (passos que se afastam) Foi-se... Vou respirar.

Isto de ser obrigado a improvisar ternura... Vamos, Alcíbiades, meu amigo, a empresa é ousada, mas o acaso começou-a e a tua audácia pode concluí-la. Sabes melhor que ninguém que é preciso aproveitar a ocasião. (passa de um lado para o outro).

Claro que o meu negócio não é mau e estou satisfeito. Tenho o ferro de frizar, mas minhas mãos activas, não tem tempo de arrefecer. Contudo, sou cabeleireiro de 2ª classe e o meu sonho é chegar à 1ª. Se fizesse um bom casamento... Se alcançasse os 60.000 frs. que ela me propõe já podia desenvolver o negócio. O meu salão podia ter espelhos e cristais, e até esculturas. As minhas clientes poderiam admirar, coroados de louros, os bustos dos imperadores que se distinguiram na nossa arte: Tito e Caracalla. (pausa) Afinal, quem me impede de realizar os meus projectos? A sorte sorri-me... Amo e sou amado, e com uma romântica assim... Ao mesmo tempo, sinto remorsos. Gosto da po-

bre Justina, que me adora e a quem prometi casamento...mas se um homem se conserva sempre honesto, não chega a fazer fortuna. Ora! Ela há-de consolar-se e casar com outro. O tio fez-se fino... A culpa não foi a minha. Está decidido: hei-de continuar o meu papel de sedutor. Aqui, ninguém me conhece, não podem descobrir quem sou. (ruído de porta)

Justina- Ah! És tu, Alcibiades? Que prazer encontrar-te, querido!

Alcibiades (à parte)- A Justina! (alto) Eu também estou muito satisfeito por te ver, meu amor!

Justina- Como vieste parar aqui?

Alcibiades- Nem sei...vinha aqui tinha que pentear a Mme Durval...

Justina- Isso é no 2º andar. Mas, o que tens? Não parece teres gostado de me ver.

Alcibiades- Na verdade... receio que o teu tio...E tu, porque te encontras aqui?

Justina- Vim chamar o meu tio. Está gente à espera, na loja...Sim, tu não sabes que o meu tio alugou a loja lá de baixo.

Alcibiades-(à parte)-Preciso de conservar o incógnito.

Justina- Como vens janota! Que diferença de quando cras aprendiz do meu tio! Só tinhas um casaco cinzento, que estava sempre branco de pó.

Alcibiades- Cala-te, por favor!

Justina- E que bela corrente de ouro! E monóculo! ...Agora, não vês bem? Tu vias lindamente...

Alcibiades- Bons tempos!...Agora...

Justina- A carruagem que está à porta, é tua?

Alcibiades- Tenho que me dar a esse luxo, bem vês...na minha posição...

Justina- Estás rico? Que bom! Não te esqueceste de mim, pois não?

Alcibiades-(à parte) Tenho dó dela...(alto) Justina, não sei, se terei de casar com outra, mas afianço-te que se o fizer é contra vontade, e o meu coração nunca lhe há-de pertencer.Adeus!

Justina- O que disseste? Vais-te já embora?

Alcibiades- Não te disse que estavam, à minha espera? Adeus, adeus!

Justina- Ouve, logo vou ao ao teatro. O meu tio disse que me penteava, mas se fosses tu, com certeza que ia melhor.

Alcibiades- Agora é impossível. Estou cheio de pressa. Fica para outro dia.

Justina- Não me recuses o que te peço! As senhoras ricas têm sorte...

Alcibiades(à parte) Já que a outra saiu...(alto) Bem, vamos, avia-te!

Vou pentear-te a primor. Senta-te aqui! (arrasta cadeira)

Justina- Nunca pensei ter hoje esse prazer. Que bom! (ruído de porta)
O meu tio!...

Poudret- O que vejo eu? O Alcibíades a pentear a minha sobrinha?

Justina- Tio, juro que ele não me fez a corte.

Poudret- Cale-se, menina! Isso era o menos, mas pentear-te! A tua cabeça pertence-me pelos laços do parentesco.

Alcibíades- Calma, sr. Poudret!

Poudret- Ingrato! Fui eu que te fiz gente. Quando vieste para a minha loja, nem sabias fazer uma barba.

Alcibíades- Bem sei que fui seu aluno, mas já ultrapassei o mestre. O senhor com o seu feitio estacionário, não avançou um passo e não sai das barbas e dos rabichos.

Poudret- Com muita honra! A cabeleira é a base do sistema capilar; exerce na arte, uma influência incontestável. Os grandes génios da França usaram rabicho. Parece que estou aver a cabeleira de Voltaire, no dia em que tive a honra de o pentear. Ele tinha na mão um dos seus livros, e eu, o ferro e os papotes. Ele sorria, gostava de animar os artistas.

Alcibíades- Mas o senhor pensa que hoje...nos nossos dias...

Poudret- Ainda se vêm na Academia, mas já não são nada do que eram.

Alcibíades- Acha que os nossos penteados prejudicam o talento?

Poudret- Sim senhor.

Alcibíades- Pois engana-se. Eu, que lhe estou falando, faço mais que um êxito. Veja as heroínas dos dramas! Sou eu que ~~se~~ arranjo os seus cabelos. Ainda ontem a Oreste passou pelas minhas mãos.

Poudret- Pois eu, há quarenta anos, panteei e empoei o sr. Kain e não ficou nada mal.

Alcibíades- Ele fazia como o senhor: deitava poeira nos olhos.

Poudret- poeira nos olhos?

Justina- Tio, não se zangue!

Poudret- Não hás-de casar com este homem! Tenho 20.000frs., para o teu dote, mas não os darei a um cabeleireiro de trazer por casa!

Alcibíades- Nem eu quero ser sobrinho dum barbeiro!

Poudret- Ignorante!

Alcibíades- Antiquado! Rotineiro, que só sabe empoar!

Poudret- Toleirço! Estou aver os credores levarem-lhe os móveis, fazerem-lhe penhora à casa!

Alcibíades- E eu vejo o vento que lhe estira com a tabuleta!

Poudret- A minha tabuleta!? ...Ai! Nem sei como me contenho!

Alcibíades- Julga que me mete medo?

Justina- Meu Deus! Vão-se agatanhar!

Alcibíades- Não, descansa! Eu cedo o meu lugar. Vejo a distância que há entre nós, para não me rebaixar a bater-me com um barbeiro

Poudret- Barbeiro!? Que ofensa! Este fedelho que se atreve a injuriar um homem da minha idade! Não respeita as minhas barbas!.

Alcibíades- Ignorante! Para te fazer a barba, vou mandar-te um barbeiro. Adeus! (ruído de porta)

Poudret- Barbeiro! Menina, proíbo-te de tornares a falar-lhe, e se transgredires as minhas ordens...Basta! Estou a ouvir a menina Sofia.

-SEPARADOR-

Sofia- Já terminei as minhas compras. Estas rosas devem ficar bem no cabelo, não achas?

Justina- Para que é tudo isso, menina?

Sofia- Sabes, Justina? Vi-o, encontrei-o.

Justina- Quem? O jovem de quem falou esta manhã?

Sofia- Sim. Às 7 horas, vem-nos buscar, sem ninguém saber e leva-nos de carruagem.

Justina- Como é feliz!

Sofia- Agora vai-te arranjar depressa! O mais importante, era termos quem nos penteasse...

Poudret- Estou às suas ordens, menina. Enquanto o sr. Desroches vai jogar a sua partida de "boston"...

Sofia- Mas...

Poudret- Já disse que estou à sua disposição, menina Sofia. Se quiser, faço-lhe um penteado que vai dar que falar. Quando entrei, ouvi dizer que precisava quem a penteasse...Há-de ver, que no teatro, todos olham para a menina.

Sofia- Obrigada, Poudret. Em qualquer dia de semana, não digo que não, mas...numa ocasião destas...

Poudret- Ora essa! Eu que a penteio há 25 anos, desde pequenina... como ficava linda! Fazia-a sofrer, mas ficava como um anjo.

Sofia- Mas foi há vinte e cinco anos...Hoje, uma senhora moderna não pode ser penteada por si. Olhe para a sua loja, para a sua tabuleta!

Poudret- O que tem? É a mesma há 30 anos: "Poudret, barbeiro. Faz penteados ao gosto do cliente" não pode haver nada mais claro.

Sofia- Pois sim, Poudret, mas não quero. Pode retirar-se.

Poudret-Retirar-me! (afastando-se) Vai saber o que é capaz um barbeiro irritado! (baixo) Digo ao irmão que ela recebe o namorado em casa. (alto) Não quer, não?...Um seu criado...(ruído de porta)

Sofia- Na verdade, precisava de alguém que me penteasse.

Justina- Está cá no prédio, um cabeleireiro, um dos melhores da capital, numa palavra, o meu namorado.

Sofia- Viste-o?

Justina- Vi, sim, menina. Está no 2º andar. A Mme Durval mandou-o chamar.

Sofia- Ora vejam a vaidosa! Mandar vir o cabeleireiro a casa! Já não me admira que todos achem linda e bem penteada. Justina, pede-lhe que venha cá. Vai depressa antes que ele saia!

Justina- Eu ia com muito gosto, mas o meu tio proibiu-me de lhe falar...

Sofia- Ora... (chama) João! João!

João- Menina?...

Justina- Vai ao 2º andar, a casa da Mme Durval, e diz ao sr Alcibiades para passar por cá, em saindo.

Sofia- Ótimo! Assim que ele entrar, fecha aquela porta. Não estou em casa para ninguém.

João- (à parte) Ora esta!...

Sofia- Não ouviste, João?

João- Sim, menina, vou já e em ele entrando, fecho a porta.

Sofia- Não te demores. (passos que se afastam) Agora estou a pensar: se o meu irmão tem a ideia de vir mais cedo e me vê assim penteada, começa logo a magiciar...

Justina- Ele está em casa do Sr. Dumont e só volta às 9, como é costume. Contudo, por cautela, vou fechar esta porta à chave. (sem de fechar à chave)

Sofia- Isso, isso... Para não perdermos tempo, vai pondo à mão as minhas coisas: os sapatos de cetim, a gola de renda, o vestido, a bolsa...

Justina- Vou já... (ruído de porta)

Sofia- A "toilette" é essencial para uma rapariga que quer casar.

João- Faz favor de entrar... (ruído de porta que se fecha)

Alcibiades- O que pretendem de mim?

Sofia- ah! O sr. Saint-Armand tão cedo! Ainda não estou pronta; estou à espera do cabeleireiro, que não deve tardar, mas esses senhores nunca têm horas.

Alcibiades- A quem o diz!... Mas... fecharam a porta?...

Sofia- Foi engano do criado. Vou ver. (pancadas na porta)

Desroches- Mnná! Sofia, abre a porta!

Sofia- Ah, meu Deus! O meu irmão...

Alcibiades- O seu irmão?

Desroches- (de fora) Estás fechada à chave?

Sofia- Espera, mano, é que... (baixo) O que há-de ele pensar? Saia, senhor.

Alcibiádes- Mas para onde? Esta porta está fechada, e no corredor está gente.

Sofia- Vá por aquela, que dá para o meu quarto. Está lá a Justina e indica-lhe o caminho. Ela aqui vem...

Alcibiádes- (à parte) A Justina? Pior ainda.

Sofia- (abre) O que irá daqui sair?

Desroches- Quem é este senhor, não me dirás?

Justina- Eu digo se o senhor não se zanga: é o cabeleireiro da menina. Vem penteá-la para ir ao teatro.

Sofia- (baixo) Obrigada, Justina. Que presença de espírito! (alto) É verdade, mano, é o cabeleireiro. Não vês aqui as flores?

Justina- E o penteador, que eu tinha ido buscar?

Alcibiádes- É a verdade, senhor. Eu sou artista em penteados, conhecido pela leveza e pela certeza do corte. O arquiteto do penteado moderno.

Sofia (baixo) Justina, ele é esperto.

Desroches- Pensam que me enganam? Pois se o senhor é cabeleireiro, muito bem! Eu vou acompanhar a minha irmã ao teatro, e como desejo passar por um homem moderno, quero que a penteie à última moda.

Sofia (à parte)- O que irá ele fazer? Pobre rapaz!

Alcibiádes- Se nisso lhe posso ser agradável, com todo o prazer.

Desroches- Vá, comece!

Alcibiádes- O pior é que não tenho o ferro nem os papелotes, e sem eles...

Desroches- Não tem dúvida: tudo se vai arranjar. Justamente, está cá o Poudret... (chama) Poudret! Poudret!

Poudret- Mais uma cliente me tiram? E o sr., Desroches também me abandona?

Desroches- Não, meu caro, tranquilize-se. É uma experiência. Vá buscar um ferro, papелotes e brilhantina para este senhor!

Poudret- É o cúmulo! Eu servir de ajudante! Dar-lhe a navalha com que vai cortar-me a relva! Uma cabeça que há perto trinta anos me pertence! Não toque nesses cabelos! Vândalo! Vai fazê-lo cair sob a sua tesoura destruidora! Isto é a seita negra do penteado!

Desroches- Já lhe disse, Poudret, pode ir descansado!

Poudret- Posso? Estou a ver um usurpador pôr a mão na minha propriedade, nesta cabeça que me pertence há perto de 30 anos, e hei-de deixar que passe para outras mãos? Para as mãos de um ignorante! Sem ele não é cabeleireiro.

Desroches- Eu já calculava, e por isso lhe peço para exxcutar as minhas ordens. Depressa, o ferro, os papelotes e a brilhantina, ou despeço-o.

Poudret- Última ofensa à minha idade! E tu, Justina, marcha à minha frente! Não quero que fiques aqui. Tenho razões para isso. Já que o senhor exige, não me demoro. Eu, o rei dos empoados, o veterano! Que humilhação! Curvo a cabeça...Assim tem de ser. Justina, vá! Adiante de mim! (ruído de porta)

Alcibiades- Se o senhor deseja, tenho aqui uma folha de papel, na algibeira. O senhor pode fazer o favor de segurar no papel, sim?

Desroches- Dê cá!

Alcibiades- A cabecinha muito direita...

Desroches- Mas...este papel está escrito pela minha irmã...É a letra dela...

Sofia (à parte)- É a carta que escrevi esta manhã...

Desroches-(lendo)-"Receio para o meu coração a explosão de um sentimento, por largo tempo contido". Uma carta destas nas suas mãos! O que quer isto dizer?

Sofia- Que não podemos fingir: é preferível confessar a verdade. Mano, este senhor é um apaixonado disfarçado.

Desroches- Como se eu não percebesse! (ri)

Sofia- Consentes?

Desroches- Podias ter dito logo. Já que este senhor gosta de ti, que lhe agradas, tens direito a casar. Casem e não falemos mais no assunto.

Poudret- Vão casar?

Sofia- É verdade, Poudret.

Poudret- Está tudo doido! Que mistura! Este homem casar com a irmã do meu antigo cliente...É um colega indigno!

Desroches- Está equivocado, Poudret. Este senhor não é seu colega.

Poudret- Não é? Talvez o julgue superior a mim...

Sofia- O quê? O que diz?

Poudret- Julga que o pó me cega, a ponto de não ver? Ingrato! Precisamente agora, que comovido com as lágrimas da minha sobrinha, consenti nessa união...E eu que lhe dava um dote de 20.000frs., produto das minhas economias! Vinte mil francos adquiridos com o suor do meu rosto!

Desroches- Poudret, temos que nos entender!

Poudret- Não, sr. Desroches, já que me põe fora, que me exila, que me torna um pátria do penteado, deixo de ser seu inquilino. Abandono esta casa e vou refugiar-me num sítio ermo, onde possa, longe

dos homens, exercer a minha profissão de barbeiro misantropo. Justina, vem comigo. Abandonemos um ingrato que esquece o mestre e a noiva.

Justina- Afinal, o que se passa?

Poudret- O teu fiel namorado vai casar com a menina Sofia, com a irmã do sr. Desroches... Imagina?

Justina- É verdade, menina? Rouba-me o meu namorado?

Sofia- O que significa toda esta embrulhada?

Alcibíades- Que tenho de falar e dar-me a conhecer. Aliás, o incógnito já me pesava, e o meu nome não me envergonha. Minha senhora, eu sou o célebre Alcibíades, que a ambição e a sorte levaram longe de mais. Sou culpado, é certo, não por me querer elevar-essa audácia fica bem ao talento e Poudret não pode negá-la-, mas por ter esquecido a minha prometida e ter sido ingrato para o meu mestre. mereço censuras. Para reparar as minhas faltas, vou dizer em todos os salões da capital, que o que sou devo ao sr. Poudret.

Poudret- Até que me fazem justiça!

Alcibíades- Aperfeiçoei-me e foi essa a minha sorte. Mas, se o capricho do destino me erigir uma estátua, é ao sr. Poudret que a devo. Foi ele o pedestal.

Poudret- Obrigado!

Alcibíades- Creio que esta confissão não é o bastante para expiar os meus erros, contudo, se a Justina me perdoar e o tio se comover com o meu arrependimento, direi: "Fiquemos amigos. Sr. Poudret, a glória embraqueceu os seus cabelos. É tempo de descansar. Vá para minha casa, e, com a sua experiência, modere a minha audácia! Cabeleireiro honorário, fique meu sócio e trabalhemos em conjunto! O senhor pelo conselho e eu pela execução! Se eu sou Aquiles, seja o mestre do penteado!"

Poudret-(comovido)- O arrependimento é o bastante.

Justina- Tio, está tão comovido!

Poudret- Ele reconhece o mestre, rende homenagem a quem lhe meteu as armas na mão... Perdoo.

Sofia- Mano, que desgano e que lição!

Desroches- Que te seja proveitosa, Sofia. Casa com o sr. Durand.

Alcibíades- No grande dia, hei-de penteá-la, isto é, havemos de penteá-la, nós dois.

Poudret- Não. Conheces-me mal. Sei resistir ao teu oferecimento. Fiel aos meus princípios, fico aqui. Quero morrer a exercer a profissão no sítio onde nasci. Quero que digam, ao ver-me passar: "Ele fez cabeleireiros, mas não pretende que como tal o classifiquem." O fogo da juventude extingue-se com

a idade. Na velhice, critica-se o que outrora se admirava.

Justina- A velhice deve ser sensata, mas há velhos que pretendem ser galãs enamorados.

Alcibíades- Nos velhos, vejo a escola onde aprendi.

Poudret- Na antiga Roma, houve um rei que disse: " Perdi o meu dia quando não fiz algum bem".

Alcibíades- Formemos uma sociedade em que o clássico esteja ao nível do romântico e o antigo do moderno. No nosso salão hão-de confundir-se cabeleiras antigas e cabeças penteadas com elegância.

Poudret- Alcibíades, dá cá um abraço!



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "Os Dois Cabelos"

Referência

N.º/R.P.L. *191*
N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação *20* de *setembro* de *1976* às *10,30* horas.
da 1.ª emissão de de 19 Programa

Director artístico

Qui Mendes

Qui Mendes

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Mário Jacques</i>	<i>Desroches</i>	<i>Mário Jacques</i>
<i>Maria Albergaria</i>	<i>Sofia</i>	<i>Qui Mendes</i>
<i>João Perry</i>	<i>Alcibíades</i>	<i>Qui Mendes</i>
<i>Assis Pacheco</i>	<i>Pondret</i>	<i>Qui Mendes</i>
<i>Augénia Bettenourt</i>	<i>Justina</i>	<i>Qui Mendes</i>
<i>João Lagarto</i>	<i>João</i>	<i>Qui Mendes</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *20* de

setembro

de *1976*